

Juros cairão gradualmente

FLAVIA SEKLES

Correspondente

WASHINGTON - Demonstrando forte otimismo, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse ontem em Washington que não tem dúvidas de que o Brasil "tem todas as condições para lidar com as turbulências dessa fase que estamos atravessando" e que está "seguro e confiante que o Brasil surgiu com uma economia e sociedade fortalecidas dessa fase atual". O ministro, antecipando a mudança que seria feita nos juros, defendeu uma ampliação da banda para juros pelo Conselho de Política Monetária (Copom), mas descartou a possibilidade de uma redução "drástica e imediata" nas taxas.

"É um erro pensar que só porque fizemos uma mudança no regime de câmbio, independente do que está acontecendo no conjunto da economia, que poderemos imediatamente reduzir drasticamente a taxa de juro", disse Malan. "Nós abrimos espaço e há possibilidade para isso no médio prazo se tivermos avanços claros na área fiscal." O ministro também disse que é possível que medidas adicionais na frente fiscal sejam necessárias para "lidar com as implicações da mudança cambial", e que discussões a respeito serão a base de seus contatos nas próximas semanas com o Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (Bird) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Bênção do FMI - Malan falou ontem depois de várias horas de conversas com autoridades do FMI, Bird e governo americano, durante as quais o debate sobre o caminho futuro da política cambial do Brasil foi o assunto principal. No final das conversas, convencido de que a equipe econômica permanece comprometida com a manutenção da inflação baixa, o FMI deu o braço a torcer e concedeu seu aval à nova política.

Em uma entrevista voltada para os mercados internacionais - durante a qual até jornalistas brasileiros foram incentivados a perguntar em inglês e as únicas respostas em português foram aquelas gravadas para a TV -, Malan disse que o Brasil está comprometido com as metas fiscais estabelecidas no acordo com o FMI, que preveem um superávit primário de 2,6% do Produto Interno Bruto (PIB) em 1999, 2,8% em 2000 e 3% em 2001. A estrutura do acordo para execução das metas terá que ser renegociada devido à nova política cambial e monetária, e para tanto uma missão do FMI irá para o Brasil nos próximos dias. Malan anunciou também que será aberto no Brasil em breve um escritório do FMI, que permitirá a intensificação, no longo prazo, dos contatos

entre Brasília e a instituição financeira. O Bird e o BID já têm representações similares no Brasil. O FMI as mantém nos países com os quais tem acordos ativos, como Coréia, Rússia, Argentina, México e Venezuela.

Sem pedir dinheiro - Depois de ter chegado em Washington indicado que "era possível" que pedisse a antecipação da segunda parcela da assistência financeira do FMI e países industrializados segundo acordo finalizado em novembro, Malan disse ontem que nem chegou a tratar do assunto e que, de fato, as necessidades de financiamento externo do Brasil hoje, na nova política de câmbio flexível, são muito menores.

Malan foi enfático em sua caracterização do grau de liberdade do câmbio, afirmando várias vezes que não há mais qualquer banda "virtual, escondida, ou nocional" para o real, cujo valor será definido apenas pelas forças de mercado. Quando houver intervenções do Banco Central no mercado, essas serão raras e limitadas, feitas só para garantir a ordem.

Com a nova política, disse, o governo se valerá da política monetária para manter a inflação baixa. Segundo sua avaliação - baseada em projeções de institutos privados -, Malan disse que espera uma inflação em 1999 entre 6% e 8%. Mas, assim como a taxa de crescimento da economia no ano que vem, o ministro disse que há muitas variáveis que dependerão principalmente da política fiscal e monetária do Brasil, agora que o câmbio é flutuante.

Quanto aos juros, o ministro disse ontem que está recomendando ao Copom a ampliação da banda de taxas de juros para que o governo tenha maior campo de atuação nesse campo. É muito provável que, durante as primeiras semanas da nova política cambial, as taxas tenham que ser mantidas altas para fazer com que o real continue relativamente interessante para investidores. Mas no médio prazo, segundo Malan, a nova política cambial "abre a possibilidade de trazer a taxa de juro gradualmente para baixo".

Surpresa - Na semana passada, quando o Brasil anunciou a primeira mudança da política cambial ainda dentro do sistema de bandas, Washington foi pega totalmente de surpresa. Autoridades no FMI e no Tesouro americano ficaram furiosas por não terem sido consultadas. Esse erro do Brasil pode ter custado ao país cerca de US\$ 3 bilhões, que foram gastos tentando proteger a banda na quarta e quinta feira. Uma vez que a política cambial original foi abandonada, tanto o Tesouro americano quanto o FMI defendem a flutuação sem intervenção.

Washington - AP



Malan se disse "seguro e confiante de que o Brasil sairá fortalecido"